



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de abertura do Encontro Empresarial Brasil-Argentina, com a presença da presidente da Argentina, Cristina Fernández de Kirchner

Buenos Aires-Argentina, 04 de agosto de 2008

Excelentíssima senhora Cristina Fernández de Kirchner, presidente da República Argentina,

Ministro de Relações Exteriores, Comércio Internacional e Culto da Argentina, Jorge Taiana,

Ministro do Planejamento Federal, Investimento Público e Serviços da Argentina, Julio De Vido,

Senhores e senhoras ministros da Argentina,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores do Brasil,

Senhor Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Senhores ministros brasileiros, Dilma Rousseff, da Casa Civil; Nelson Jobim, da Defesa; Luiz Barretto, do Turismo; Franklin Martins, da Comunicação,

Meu caro Juan Carlos Lascurain, presidente da União das Indústrias Argentinas,

Meu caro Paulo Skaff, presidente da Federação das Indústrias do estado de São Paulo,

Senhoras e senhores empresários e empresárias da Argentina, empresários e empresárias brasileiras,

Primeiro, quero dizer da minha profunda alegria de poder participar, neste dia, deste encontro com a presidenta Cristina e com os empresários brasileiros e argentinos. Certamente a história registrará que este é o mais



importante encontro empresarial entre os dois países até agora. Eu espero que o próximo seja muito maior e que, daqui para a frente, a gente possa bater recorde em cada reunião que fizermos com os empresários argentinos e brasileiros. Tomamos o café da manhã com alguns empresários brasileiros e, certamente, o Paulo Skaff irá falar. Nós, agora, queremos convidá-los para irem ao Brasil, para repetirmos um evento como este lá no estado de São Paulo.

É uma grande satisfação inaugurar este Seminário, ao lado da minha querida amiga, Cristina Fernández de Kirchner. Estamos aqui reunidos para discutir ações e iniciativas concretas para consolidar ainda mais as relações entre Argentina e Brasil, países que vivem um momento, eu diria, excepcional.

Os empresários têm papel crucial nesta aliança estratégica que estamos construindo. É importante que os homens de negócios, argentinos e brasileiros, tenham adotado o hábito de reunir-se regularmente para debater nossos desafios comuns.

Partimos de uma base muito positiva. A corrente de comércio cresceu 35% entre janeiro e junho. Se esse ritmo for mantido – e estou seguro de que será – fecharemos 2008 com um recorde de mais de 30 bilhões de dólares de intercâmbio entre os dois países. Eventuais distorções numa ou noutra direção de nosso comércio têm de ser corrigidas, e estejam certos de que, se depender do Brasil, o serão.

Nosso comércio reflete a pujança de nossas economias. Estamos crescendo consistentemente a taxas elevadas, com níveis históricos de geração de renda e de empregos. Nossas contas internas e externas estão equilibradas e acumulamos reservas cambiais elevadas, o que nos resguarda da atual instabilidade nos mercados internacionais.

Deixamos para trás um passado de níveis de crescimento incompatíveis com nossas aspirações. Superamos décadas de experimentações econômicas, eu diria, até irresponsáveis, que deixaram milhões sem perspectiva ou dignidade. O nível intenso dos investimentos brasileiros na Argentina e dos



argentinos no Brasil é garantia de que nossa parceria pelo desenvolvimento é sólida e duradoura.

Mais importante do que a quantidade é a qualidade desses investimentos: grande parte dos capitais que entram não é apenas para comprar firmas e patrimônio já existente. Têm servido para ampliar e aprimorar a capacidade produtiva, o que redundará em ganhos de eficiência e geração de empregos de qualidade.

O Brasil já é o terceiro maior investidor na Argentina. A partir de 2002 passou a ser o primeiro investidor em fluxo de capitais. Muitas empresas brasileiras apostam na Argentina: são fábricas tecnologicamente avançadas e competitivas em setores estratégicos como energia, alimentos, bebidas, têxtil, cimento e siderurgia. Da mesma forma, capitais argentinos no Brasil conquistam espaço em áreas cruciais como infra-estrutura, alimentos e fármacos.

Tenho dito, enfaticamente, que uma Argentina industrializada e competitiva fortalece o Brasil, o Mercosul e nosso projeto sul-americano. Por isso, a presidenta Cristina e eu examinamos medidas concretas para reforçar esse ciclo virtuoso. No Brasil, já estamos dando um passo importante: a criação de um fundo soberano que ajudará empresas brasileiras a investirem na América do Sul e na América Latina.

Meus amigos e minhas amigas,

Nossos países conquistaram o crescimento e a estabilidade aprofundando a democracia, sem recorrer a modelos externos. Mas essa democracia tem de ser cada vez mais inclusiva e solidária socialmente. Esse sentimento atravessa toda nossa região. Não adianta esperar o bolo crescer para depois distribuí-lo. Essa estratégia passada só aumentou o fosso entre os que têm e os que não têm.

Não tem sido fácil construir alternativas para resgatar a nossa histórica dívida social. Requer decisão, vontade política, e compromisso com os de



baixo para romper com antigos paradigmas. Exige políticas macroeconômicas consistentes, que estimulem o investimento produtivo capaz de garantir o crescimento de longo prazo. Exige, também, medidas para estender oportunidades a todos, de forma a ampliar o mercado interno capaz de impulsionar a atividade econômica.

Senhoras e senhores empresários,

A economia mundial vive momentos de turbulência e incerteza. Pressões inflacionárias em escala global e a especulação financeira encarecem alimentos, energia e matérias-primas. Subsídios dos países ricos encarecem os alimentos e inibem investimentos em países com vocação agrícola. Mas há também um fator positivo: dezenas ou centenas de milhões de homens e mulheres passaram a se alimentar melhor em todo o mundo, sobretudo em nossos países.

A frustração da Rodada de Doha exige que multipliquemos, em outros tabuleiros, nossos esforços para eliminar as distorções e barreiras ao comércio internacional. A Argentina e o Brasil podem liderar a resposta do Mercosul e da América do Sul a esses desafios. Nossa aliança estratégica é a espinha dorsal desse projeto.

Com o fortalecimento de nosso bloco e as iniciativas de integração regional, estamos lançando as bases de um espaço sul-americano verdadeiramente unido, capaz de nos projetar globalmente. Os biocombustíveis, em particular, podem ser importante alternativa para retirar países pobres da insegurança alimentar e energética, além de gerar emprego e renda.

Nossos empresários dos setores agro-alimentares têm relevante papel na superação da crise alimentar que o mundo vive. As parcerias entre empresas da região, especialmente argentinas e brasileiras, são decisivas para nossa inserção competitiva na economia mundial. É essa a motivação dos mais de 300 empresários que me acompanham nesta visita e que participam deste



Seminário. Mas não basta liberalizar o comércio. Precisamos diminuir custos logísticos, fomentar o comércio regional e tornar viáveis projetos voltados para a integração de cadeias produtivas.

Estamos empenhados em promover uma verdadeira articulação de políticas agrícolas, industriais e tecnológicas. É necessário gerar produção para competir nesses mercados, assumindo riscos, investindo em tecnologia e na modernização dos processos produtivos. Melhorar nossa competitividade significa integrar dinamicamente os tecidos produtivos, conjugando o que há de melhor em cada país, para ambos ganharem escala e qualidade em bens e serviços. Isso permitirá realizar a integração produtiva que está na origem do Mercosul.

O regime automotivo que assinamos recentemente mostra como podemos trabalhar juntos para agregar valor e transferir tecnologia. Ao mesmo tempo, estamos combatendo assimetrias e criando, em parceria com nossos sócios do Mercosul, um dos maiores e mais competitivos parques de produção em setor industrial, com grande impacto e irradiação.

A integração passa por coisas muito concretas, entre elas a construção e a modernização de pontes, rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, infraestrutura de energia e telecomunicações. Por isso, o BNDES financiou a ampliação dos gasodutos do Norte, San Martín e Neuba II, no valor de quase 300 milhões de dólares. O mesmo vale para as redes de gás TGN e TGS, com adicionais de 882 milhões de dólares. Outros projetos aprovados pelo BNDES, num total de 1,7 bilhão de dólares, aguardam apenas a contratação.

O Brasil continua a apostar na Argentina: em seus trabalhadores, em seus empresários e em seu governo. Precisamos, também, fortalecer as pequenas e médias empresas como verdadeiros motores da integração. Por isso, estamos instituindo no Mercosul um fundo específico.

Senhoras e senhores,

A presidente Cristina e eu estamos acompanhando, pessoalmente, os



principais projetos bilaterais por meio de um mecanismo de encontros semestrais. Assim, asseguramos impulso político para avançar em todas as áreas do relacionamento bilateral: da economia e do comércio às políticas de desenvolvimento e sociais, passando pela cooperação em defesa, educação, cultura, ciência e tecnologia.

Pretendemos avançar na coordenação de políticas públicas, na harmonização de regras e na simplificação dos trâmites que incidem sobre o dia-a-dia das empresas. Estamos atentos às possibilidades de aumentar a sinergia em setores estratégicos onde já há investimentos cruzados: bens de capital, calçados, indústria naval, “software”, químico e petroquímico, têxtil, financeiro, pequenas empresas, turismo, biocombustíveis, alimentos e bebidas.

Quero lançar um desafio a todos: criar um foro permanente reunindo governo e empresariado para pensar a integração como um interesse estratégico das empresas e dos dois países. É preciso estabelecer novas parcerias, gerar investimentos que aumentem a produtividade de seus negócios e que lhes permitam conquistar novos mercados.

Os governos da Argentina e do Brasil farão a sua parte. É fundamental que o Banco de la Nación, o Bice e o BNDES estabeleçam uma parceria renovada e estudem modalidades de financiamento conjunto de associações entre nossos setores privados. Em breve, as três instituições estarão assinando um Convênio de Cooperação. Cabe aos setores privados dos dois países desenhar empreendimentos comuns, com impacto na integração de cadeias de valor.

Concluimos as medidas para a implementação de um sistema de pagamentos em moeda local, que baixará os custos do comércio, sobretudo para as pequenas e médias empresas. Aproximará os sistemas dos nossos bancos centrais e estimulará a consolidação de mercados cambiais em moeda nacional. Pode ser o germe de uma futura integração monetária. Não há dúvida de que unidos, e contando com marcos regulatórios adequados, nossos



empresários estarão melhor preparados para enfrentar a marcha da economia globalizada.

Prezada Presidente,

O Brasil mais justo e solidário que almejamos somente será possível se toda a região também o for. Esse é o sentido estratégico da integração, essa é a essência do projeto histórico que nos une.

Argentina e Brasil não temem divergências que nascem daquilo que construímos juntos. Responderemos com serenidade e perseverança, na certeza de que nossos interesses soberanos sempre se reforçarão no seio de nosso projeto comum. Não me canso de repetir: juntos seremos mais soberanos.

Com esse ânimo nos engajamos na construção de um novo modelo capaz de assegurar crescimento econômico e desenvolvimento social com geração de emprego e distribuição de renda. Temos um imenso potencial pela frente. Vamos juntar forças para garantir nossa inserção soberana na economia mundial e responder às legítimas aspirações de bem-estar e justiça social de nossas sociedades. Após o encerramento deste seminário, vamos receber dos líderes empresariais as suas conclusões.

Por isso, eu quero, minha amiga Cristina... Já cumpri com a formalidade de ler o meu discurso nos anais da história do Brasil, e agora quero falar um pouco do meu sentimento com a presidente Cristina e com os empresários brasileiros e argentinos.

Eu fico sempre imaginando quanto tempo nós perdemos na construção de uma relação estratégica mais forte entre Argentina e Brasil. Aliás, eu fico pensando quanto tempo nós perdemos na construção de uma união sul-americana de nações, que agora estamos começando a construir quanto tempo nós perdemos na construção de uma união sul-americana de nações, que agora estamos começando a construir.

Eu sei que para cada presidente, para cada empresário, seria melhor se



nós não fôssemos tão pobres ou se não tivéssemos, vizinhos a nós, países tão pobres. Quem sabe todo mundo sonhasse que o nosso continente estivesse fazendo fronteira com toda a União Européia, e por isso, poderíamos ser mais ricos e mais desenvolvidos.

Vamos analisar um pouco a história e chegar à conclusão de por que perdemos tanto tempo para nos fortalecer, acreditando que a solução para os nossos problemas estava além do Atlântico ou do Pacífico. O empresário argentino não pode olhar o Brasil como um país competidor. O empresário argentino precisa olhar o Brasil como um potencial de mercado consumidor de 190 milhões de pessoas. O Brasil tem que olhar para a Argentina como um país com potencial de consumo de 40 milhões de habitantes, mas, muito mais importante: o somatório da sinergia dos dois países perfaz uma sociedade de 230 milhões de habitantes. Possivelmente sejam os únicos, fora dos países grandes, a ter competitividade e, certamente, a levar vantagem na questão agrícola.

Quando se fala em crise de alimentos, alguns países podem tremer, ficar preocupados. Eu penso que Argentina e Brasil precisam ver essa crise de alimentos com uma certa preocupação, mas também como uma grande oportunidade histórica de se transformarem em países ainda mais competentes para fornecer, não apenas aos nossos, mas lá fora, alimentos de qualidade para as pessoas comerem.

Nós precisamos começar a perceber que se Argentina e Brasil estiverem juntos, poderão fortalecer o Mercosul, o Uruguai, o Paraguai, a Bolívia, o Equador, a Venezuela, a Colômbia, o Chile. Todos esses países, sem distinção, serão muito mais fortes se Brasil e Argentina estiverem juntos e tiverem políticas conjuntas para atuar. Afinal de contas, somos mais industrializados, temos mais tecnologia, temos mais experiência em comércio exterior.

A chance está colocada. O empresário brasileiro não pode ver o



argentino como um concorrente. Concorrente sim, na lógica da boa competitividade, até porque a concorrência existe, mesmo entre os brasileiros e entre os argentinos. O que precisamos começar a enxergar é que juntos poderemos disputar o comércio dos países mais ricos e atender países que até agora não foram atendidos por ninguém.

Temos o continente africano à disposição de parcerias. Muita gente pode pensar: “Por que esse Lula fala tanto da África? Tem muito pobre na África”. Daqui a 30 anos a África será um continente de 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. Se 300 milhões forem pessoas que têm poder aquisitivo para almoçar, jantar e tomar café da manhã, ou para ter uma televisão, imaginem quanto vai ter que crescer a nossa produção para atender esse mercado.

Eu vi agora, na Rodada de Doha – um sacrifício imenso – o quanto é difícil conseguir tirar uma vírgula, um centavo de um país rico. Aliás, certamente, Cristina e eu nos preocupamos em discutir com nossos ministros cada passo, cada decisão. Na verdade, lá são os representantes que possivelmente, nem cheguem perto dos presidentes para tomar as decisões.

Há dois anos, Cristina, eu, pessoalmente, falei umas quatro vezes com o presidente Bush, falei com o Chirac, com o Sarkozy e com a Angela Merkel duas vezes, falei com o Tony Blair, com o Gordon Brown, que tinha se esgotado a parte técnica da Rodada de Doha. Os nossos técnicos já tinham feito o que era possível fazer e estava na hora de juntar os dirigentes políticos para tomarmos uma decisão política, porque a questão não era mais econômica, era eminentemente política. Afinal de contas, tem eleição nos Estados Unidos este ano, e na Índia no ano que vem. Em época de eleições, não é apenas na Argentina que é difícil tomar decisões ou no Brasil que é impossível tomar decisões. Lá também, nos países distantes de nós, é difícil, sobretudo quando se mexe com agricultura, porque são muitos os interesses e, possivelmente, as pessoas permitam que o político sobreponha os interesses econômicos das nações.



Eu não estou desanimado. Quero dizer a vocês que ainda vou continuar teimando para ver se nós construímos uma saída. Acho que se nós não concluirmos o acordo de Doha, possivelmente a Argentina ou o Brasil não sofram tanto, mas os países mais pobres, que têm que ser incentivados a produzir alimentos e, para produzirem alimentos têm que ter o mercado dos países ricos aberto para eles, não irão produzir alimentos e muita gente continuará passando fome. No mundo rico, cada vez mais, haverá legislação mais dura para proibir o trânsito das pessoas pobres, criando mais dificuldades para a imigração.

É esse mundo, minha querida companheira e presidenta Cristina, que Argentina e Brasil têm a responsabilidade de ajudar a mudar. Eu não sei se acontece com você, mas muitas vezes a gente se sente pequeno por ser do Terceiro Mundo, a gente pensa que não tem forças por ser de um país emergente. Eu me lembro, quando era presidente do Sindicato, que fazíamos um documento para incentivar os trabalhadores a lutar: colocávamos uma varinha e mostrávamos que era fácil quebrar uma única vara. Colocávamos um feixe de varas e percebíamos que era impossível quebrar aquele feixe.

Se juntarmos os interesses de Argentina e Brasil, mais os interesses de países emergentes como nós, os interesses da América do Sul – temos que construir os consensos no limite do possível para andar juntos no mundo, defendendo a mesma bandeira – nós poderemos fazer diferença nas negociações internacionais. Obviamente que sem abrir mão da soberania de cada país, fazendo os acordos bilaterais que cada país entenda ser melhores. Isso nós não discutiremos porque a soberania dos países é intocável, os interesses soberanos de cada Estado são intocáveis, mas poderemos construir muitas coisas juntos.

Eu tenho a convicção de que não interessa à Argentina crescer sozinha e ficarem a Bolívia, o Uruguai e todos os demais países pobres. Como tenho certeza que não interessa ao Brasil, até por uma questão de inteligência, de



interesse estratégico, crescer e os outros países não crescerem.

Empresários argentinos, nós temos muita coisa acontecendo no Brasil. Temos o Programa de Aceleração do Crescimento que, até 2010, teremos que investir 504 bilhões de reais, o equivalente hoje a quase 300 bilhões de dólares. Além disso, temos praticamente mais 400 bilhões de dólares da iniciativa privada em investimentos anunciados e planejados até 2012, 2013 ou 2014. Estamos construindo 4.700 quilômetros de ferrovias; vamos licitar, em março do ano que vem, um trem de alta velocidade; temos mais duas refinarias para fazer no Brasil; temos mais quatro siderúrgicas para fazer no Brasil; temos muitos investimentos na política de reflorestamento, na produção de papel e celulose, além do crescimento dos outros setores industriais.

Na indústria naval, por exemplo, nós teremos que contratar, até 2014, 200 navios. Temos que contratar 200 sondas e cada uma custa 700 milhões de dólares. Temos que construir várias plataformas. E nós queremos partilhar essas possibilidades com a Argentina. Por que só a indústria naval brasileira crescer, e a gente não fazer com que cresça a indústria naval de outros países junto conosco? Por que não criar um pólo de indústria naval poderoso aqui na América do Sul? Isso é possível.

Eu me lembro que, em 2002, quando disputei a primeira eleição, dizíamos que íamos construir plataformas no Brasil, e diziam que eu estava contando inverdades porque o Brasil não tinha condições. Hoje, 75% dos componentes de uma plataforma são feitos no Brasil. Portanto, temos as condições, os empresários, financiamento e conhecimento tecnológico. O que precisamos é conversar mais, nos juntarmos, tentar aparar todas as arestas, diminuir a burocracia na Argentina e no Brasil, fazer com que as coisas fluam com mais facilidade, não permitir que os interesses individuais de uma fábrica ou de um setor atrapalhem o acordo estratégico de uma nação, porque senão não andaremos e não iremos para a frente.

Gostaria de terminar dizendo a vocês que tenho mais 2 anos e 5 meses



de mandato no Brasil. Gostaria de, ao concluir o meu mandato, poder deixar como legado a contribuição de um presidente que olhou para o continente sul-americano como se Deus nos tivesse dado um sinal. Por que Deus nos construiu grudados? Mesmo que a gente queira se separar, não pode, porque é o mesmo território. As fronteiras são imaginárias e são demarcadas por nós, mas isso não impede que nós nos vejamos como o mesmo país, respeitando tudo o que um país soberano deve respeitar.

Do ponto de vista do crescimento econômico, por que Deus nos fez grudados? Por que Deus coloca um homem e uma mulher juntos? Para o homem ficar olhando para um lado e a mulher para o outro? Não, é para se olharem. Durante todo o século XX nós olhamos para a Europa, para os Estados Unidos, para o Japão e, em muitos casos, os nossos presidentes disputavam quem era mais amigo dos Estados Unidos ou da Europa.

Tem um presidente de um país vizinho que um dia me procurou e disse o seguinte: “Lula, eu estou há 50 anos achando que os Estados Unidos iam nos ajudar, e continuo tão miserável como 50 anos atrás. Agora, eu quero procurar novas oportunidades”. O que estou querendo dizer concretamente é que olhemos mais para nós, descubramos o nicho de oportunidades que nós temos, vamos construir as parcerias que precisamos construir. Não é apenas as empresas brasileiras virem aqui comprar empresas argentinas, ou os argentinos irem ao Brasil para comprar empresas brasileiras. Não. Vamos fazer associações, vamos construir juntos aquilo que os nossos avós não conseguiram construir e vamos permitir que os nossos filhos herdem de nós uma América do Sul mais integrada, uma Argentina e um Brasil mais unidos, porque os interesses são os mesmos, os ideais, certamente, são os mesmos.

Quero terminar com esta convocação, meus amigos e minhas amigas: está em nossas mãos. Cristina e eu somos passageiros e o que nós podemos fazer é o que estamos fazendo: coordenar, tentar fazer os ajustes na política e na economia. Mas vocês podem muito mais. Muitas vezes a gente perde tempo



brigando internamente, e a cada vez que a gente briga, sufoca um pouco a possibilidade de crescimento do país. Vamos construir, vamos juntar os empresários, as cadeias produtivas. O que está faltando entre nós? Onde a burocracia está atrapalhando? O que o Banco Central do Brasil quer que o Banco Central da Argentina não quer? O que pode ser feito para que as coisas comecem a funcionar? Nós ficamos olhando a beleza da União Européia e não somos capazes de construir a nossa? Pelo amor de Deus, gente. Vamos fazer do século XXI o século que nos tiraram no século XX.

Vocês, argentinos, não podem se esquecer que no século passado eram a quinta economia mundial. O Brasil não pode se esquecer que durante 30 anos foi o país que mais cresceu no mundo, de 1950 a 1980. Ainda assim, temos desigualdades sociais irreparáveis que vamos demorar décadas para consertar. Quando consertarmos, esses cidadãos serão mais que cidadãos: serão consumidores daquilo que a nossa economia terá condições de produzir. O desafio está colocado. Boa sorte.

(\$211B)